



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

DANIELLE JÓIA

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-374

Entrevistada: Danielle Jóia

Nascimento: 22/05/1990

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte (por telefone)

Entrevistadora: Suélen de Souza Andres

Data da entrevista: 02/12/2013

Transcrição: Bruna Tomaschwski Perla

Copidesque e Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Suélen de Souza Andres

Total de gravação: 34 minutos e 2 segundos.

Páginas Digitadas: 10

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Como iniciou no esporte; Idade que tinha quando iniciou no handebol; Salário e benefícios; Convocação para Seleção; Benefícios de jogar na Seleção; Seleção e salário; Transferências entre os clubes; Handebol e família; Rotinas de treinamento; Handebol como lazer e alto rendimento; Rotina e preparação para os jogos; Relação mídia; Interesse do público e handebol; Sonhos e frustrações no handebol; Diferenças e incentivos entre homens e mulheres; Valorização do handebol; Valorização do atleta; Lesões; Finalização;

Porto Alegre, 02 de dezembro de 2013. Entrevista com Danielle Jóia a cargo da pesquisadora Suélen de Souza Andres para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.A. – Danielle gostaria que você contasse um pouquinho da tua história no esporte e seu início no handebol.

D.J. – Eu comecei no colégio, como a maioria, eu não gostava muito do esporte, mas acabei me identificando com o handebol. Eu sempre fui grande, muito forte, acabou que me identifiquei com o handebol e comecei a jogar pelo colégio e em um ano me destaquei e comecei a jogar pela cidade, aqui em São José do Rio Preto, que é a minha cidade natal. Depois joguei para a cidade vizinha que se chama Mirassol, aqui em São Paulo também, então, fui participar de um campeonato, jogos regionais, aqui em São Paulo e acabei sendo chamada para participar da equipe de Guarulhos, que na época era uma das maiores potências do handebol no Brasil. Joguei lá, fiquei um ano, jogando no Guarulhos São Paulo Futebol Clube e, depois de lá, eu comecei a jogar o campeonato adulto. Já comecei desde pequena, desde quando eu já tinha idade de participar dos jogos adultos, já começava a jogar e logo em seguida, fiquei uns quatro, cinco anos em São Paulo, e depois eu fui chamada para jogar em Caxias do Sul no Rio Grande do Sul e é onde eu jogo atualmente. Lá eu fiquei cinco anos, joguei uns cinco anos, levando a equipe em nível nacional, como atleta da seleção brasileira, já peguei a equipe adulta, desde a seleção juvenil e atualmente permaneço na seleção brasileira na equipe adulta.

S.A. – Que idade tu tinhas quando começou a jogar pelo time da cidade?

D.J. – Eu tinha de treze para quatorze anos.

S.A. – E nessa idade já recebia para jogar?

D.J. – Sim, desde o quatorze anos e quando eu fui para Guarulhos, subiu o meu salário, principalmente do handebol e passei a me sustentar com ele.

S.A. – Desde que tu começaste qual o salário médio que tu ganhas? E além do salário há outros benefícios que ganhas?

D.J. – Sim. O meu primeiro salário na verdade foi cento e cinquenta reais, saí para jogar por cento e cinquenta reais. Hoje jogando pela equipe da Universidade da UCS¹, eu tiro aproximadamente dois mil reais mensais e também a gente tem um programa que se chama Bolsa Atleta: os atletas que ranqueiam, entre o primeiro e o terceiro ano, eles ganham uma bolsa durante doze meses no valor de mil novecentos e cinquenta reais, antes era proibido receber o bolsa atleta e ter um salário ou algum tipo de patrocínio, hoje já foi liberado isso, então alguns atletas ganham um salário e ganham a bolsa.

S.A. – Na UCS, onde atuas hoje, além do salário, tu tens outros benefícios?

D.J. – Além do salário, tu tens alimentação, tem o apartamento que eles disponibilizam, nós temos plano de saúde, tudo no instituto da UCS e alguma porcentagem também na Universidade para quem quer estudar.

S.A. – Conte um pouco como se dá a convocação para a Seleção.

D.J. – A convocação se dá... Primeiro você tem que se destacar na equipe, depois normalmente as primeiras convocações eles pedem para os técnicos enviar o número de um dos destaques. Nesse número é feito um processo de muitas meninas, chegando até noventa meninas que fazem parte de um treinamento, então, o técnico vai vendo quem se adapta melhor na equipe que ele quer. E depois que você é convocada para uma Seleção aí tudo fica fácil, depois que você já é convocada para a Seleção Cadete, por exemplo, gradualmente você já vai subindo, para a Juvenil, para Júnior, tentando manter uma base para uma equipe forte.

S.A. – Sim. Até para o se conhecer bem.

D.J. – Exatamente, é manter a base das equipes.

S.A. – E quais os benefícios hoje que você vê de servir a Seleção?

D.J. – Bom, os benefícios. Primeiro, se você é uma atleta da Seleção brasileira, você já é vista com outros olhos por outras equipes. Tem respeito também, sem dúvida nenhuma, tem o valor, a gratificação de estar na Seleção brasileira e, estando na Seleção brasileira, você participa de campeonatos internacionais, o que é uma grande possibilidade de você jogar em uma equipe da Europa, por exemplo, que é um dos maiores sonhos de todos os atletas que jogam aqui no Brasil.

S.A. – E servir a Seleção em relação a salário aumenta, dá um *up*?

D.J. – Dá um *up*! Com certeza dá um *up* porque você vira uma atleta muito mais disputada pelos outros clubes, e aí que entra quando você tem disputa. Você tem a disputa você vai para o lugar que tiver melhor estrutura, enfim, ajuda muito isso com certeza.

S.A. – E como ocorrem as transferências entre os clubes?

D.J. – As transferências entre os clubes. Primeiro, quando termina o ano, sempre no final do ano quando termina os campeonatos aqui no Brasil, começa a receber propostas. Na maioria são propostas normais, acabam se falando por e-mail, por mensagem, por telefone, no meio que a gente está todo mundo acaba se conhecendo e daí são quando eles começam a fazer as propostas e o atleta tem o livre arbítrio para poder escolher. É difícil ter alguma equipe aqui no Brasil que queira comprar mesmo, que se tu sair tem a multa do contrato, mas são poucas, tem umas três ou quatro equipes que tem contrato. E se você não tem esse contrato você tem o livre arbítrio de poder escolher a equipe que você quer jogar; você tem o livre arbítrio e depois a própria equipe que você vai ela informa a sua antiga equipe que precisa fazer a transferência dos papéis e etc. E começa o jogo, vamos lá.

S.A. – Mas essa transferência, ela só pode ser feita no final dos campeonatos ou ao final de ano?

¹ Universidade Caxias do Sul.

D.J. – Quando um atleta começa a jogar um campeonato ele não pode trocar de clube dentro desse campeonato, ou de outro; se o atleta já está federado, ele está confederado pela aquela equipe e tem que fazer a transferência, ai é uma burocracia bem complicadinha, tem que fazer transferência, tem que emitir pagamentos de um clube para os outros, do clube para as confederações. Mas acontece sim de alguma... De técnico querer liberar atleta ou do atleta não servir bem a equipe e o técnico querer liberar, o clube querer liberar atleta, enfim, dar a carta liberatória, nós chamamos de carta liberatória e o atleta está apto a jogar em qualquer outra equipe do Brasil.

S.A. – E como foi para a sua família a sua escolha de viver do handebol?

D.J. – Bom, foi... Eu só tenho a minha mãe, meu pai faleceu quando eu tinha um ano e oito meses, sempre vivemos eu e minha mãe e o meu padastro, mas minha mãe nunca impediu em nada. Ela sempre soube que era o meu sonho. Quando eu recebi a proposta do teste que passei, voltei para a casa para pegar as minhas coisas, minha mãe me apoiou, meu deu um abraço, me apoiou e disse que eu tinha que fazer o que eu achava o que fosse melhor, apesar de eu ter apenas quatorze anos de idade. Desde que eu... Eu tinha que correr atrás dos meus sonhos, mas minha família sempre me apoiou super em tudo, não tenho do que reclamar, em tudo, em toda a equipe que eu vou, volto eles ficam sabendo: “Vou para essa equipe, o contrato é melhor e tal”. Então eles ficam sabendo de tudo e sempre me apoiaram, mas sempre foi tranquilo quanto a isso. Também como sempre foi independente, minha mãe nunca opinou no que eu devo fazer ou não.

S.A. – E em relação a algo mais específico: as rotinas do handebol, como é que são os treinamentos durante a semana, o tempo de treinamentos, se é dividido, qual a estrutura do time hoje para os treinos?

D.J. – O tempo de treinamento varia das equipes, ali na UCS, por exemplo, nós treinamos de segunda à sexta, algumas vezes aos sábados, e nós treinamos dois períodos por dia: academia e logo em seguida é o treino de quadra. Normalmente a academia se resume em uma hora e meia e quadra duas horas, três horas de treino. Isso tirando os jogos também, claro, mas é bem tranquilo, quer dizer, nós acabamos nós acostumando. E dai o resumo é isso, nós temos poucas férias também, eu acabei de chegar aqui dia 13, não faz dois dias

que estou na minha cidade, nós saímos de férias e nós temos aproximadamente um mês e meio, dois meses até voltar para os treinos, mas nós como somos atletas de alto rendimento nunca podemos parar de treinar e fazer academia. De férias, férias mesmo nós tivemos uns quinze dias, sem fazer nada mesmo, mas um atleta de alto rendimento infelizmente não pode ficar sem academia, sem correr, sem um aeróbico, nós perdemos muito rápido, demoramos em ganhar e perdemos muito rápido. Então é basicamente isso ai.

S.A. – E tu desde que começou teve algum momento que tu acha que o handebol passou de lazer para o de alto rendimento ou sempre foi de alto rendimento?

D.J. – Quando eu jogava aqui na escola e etc, lógico que era um lazer, depois que eu vi a possibilidade de viver do handebol ai eu comecei levar a sério. Em minha opinião, desde que eu saí da minha casa, eu sempre levei a sério o handebol porque eu já recebia, já tinha o meu dinheiro, então, era profissional; já era uma profissional, era cobrada por aquilo, já era o meu trabalho e assim hoje é assim, na Universidade lá na UCS, por exemplo, que eu jogo atualmente: se eu acho que o atleta não está de acordo com o contrato que nós assinamos, que o atleta não pode usar nenhum tipo de drogas, bebidas alcóolicas, farrear, sair, se não está de acordo com aquilo, se assinou o contrato, não está de acordo, faz errata, multa no salário, como acontece nos empregos normais. Hoje sim eu me considero uma profissional, sem dúvida nenhuma.

S.A. – Nos dias de jogos, vocês tem concentração, folga após jogo? Qual o tempo dedicado para a preparação do jogo?

D.J. – Total. Quando nós sabemos que tem jogo, uma semana antes nós já começamos a treinar para jogar contra aquela devida equipe, e ai que entra a parte do contrato que eu falei; o atleta não pode consumir nenhum tipo de droga ou álcool, muito menos sair. O atleta tem que estar uma semana já preparando corpo e mente para enfrentar o jogo e quando viajamos também é concentração total. Entrou no hotel fechou a porta do quarto, tá com o seu companheiro, às vezes nós ficamos em alojamentos, às vezes nós ficamos em hotéis, ficamos duas ou três no quarto e é concentração total, pensando no jogo, é um pouco desgastante para a mente, mas na hora da quadra dá o resultado.

S.A. – Em relação, agora um pouco mais voltado para a mídia, como você vê a relação e o interesse do público com o handebol feminino?

D.J. – Hoje é enorme. No Brasil já começou outro nível, é como a Seleção Brasileira feminina começou representando muito bem o handebol, vai começar o Campeonato Mundial agora, e as chances do Brasil trazer uma medalha são gigantescas e lógico a mídia melhorou muito, nós conseguimos patrocínios fortíssimos agora para o handebol, como o Banco do Brasil, os Correios, Asics, materiais esportivos e, com certeza, a mídia é importantíssima nessa parte. A gente não tem dúvida nenhuma nessa parte, inclusive o que falam da nossa equipe, sempre os jornais nos apoiando, as empresas sempre apoiando também, e isso devido, claro à mídia, isso também é o retorno que eles buscam, que eles estão patrocinando, que eles estão mostrando, isso fica por conta da mídia, e aí eles tem o retorno.

S.A. – Em relação a tua visão do handebol, qual a tua maior frustração e sonho que você tem em relação a modalidade?

D.J. – Qual o meu maior sonho?

S.A. – É, maior sonho e maior frustração que você já teve, ou se teve?

D.J. – A maior frustração é claro, é de perder campeonatos que estavam na nossa mão. Com certeza a maior frustração é essa, como por exemplo, esse ano infelizmente não foi um bom ano para nós, não nós classificamos para Liga Nacional, foi um ano super estressante, foi muito frustrante para nós; sem dúvida esse ano foi o ano pior para mim, no handebol, falando profissionalmente, foi horrível. E maior sonho... Eu gosto de defender a Seleção Brasileira, mas eu torço muito mesmo que nós sejamos convocadas para o Mundial agora, eu torço muito pela Seleção, com certeza que o maior sonho do handebol é que o Brasil um dia consiga uma medalha olímpica e uma no Mundial, que é um campeonato importante, como os mundiais e as Olimpíadas. Mas não que eu tenha que estar, sei que as meninas conseguem lá uma medalha é o handebol brasileiro inteiro que ganha essa medalha, não só elas, mas eu acho se eu puder estar, melhor ainda. [RISO]

S.A. – Em relação ao handebol feminino e masculino, tu vês alguma diferença? Existe, você que está mais no meio, existe alguma diferença em relação à técnica, estrutura, em relação econômica, regras, competições, enfim, tudo que engloba o handebol?

D.J. – Olha, não posso responder essa pergunta para você. Diminui ela, por favor.

S.A. – Claro. Se você acha que existe diferença entre o handebol masculino e feminino?

D.J. – Existe e é grande a diferença. Primeiro como eu disse, o handebol feminino agora tem muito mais evolução que o masculino. O masculino agora começou a evoluir porque o que o handebol feminino começou fazendo? O handebol feminino começou a pegar atletas daqui do Brasil, começou a levar as atletas para a Europa para que elas tivessem o mesmo nível europeu, para que a gente pudesse competir de igual nos campeonatos internacionais. Dai agora o núcleo masculino também começou a fazer isso, este ano foram importados três ou quatro atletas para os times lá da Espanha, chama-se Asociación Deportiva Ciudad de Guadalajara e justamente para preparar esses atletas ao nível europeu para quando puder servir a Seleção brasileira ou voltar para o Brasil no esporte com um nível muito mais alto. O nível que tem aqui no Brasil. A diferença é, falando agora as diferenças de feminino e masculino identificáveis. A diferença sem dúvida é gigantesca, devido à força dos meninos, e se eu não me engano os atletas de handebol eles só perdem para os atletas de futebol americano. Eles são extremamente grandes, fortes, e o handebol é o segundo esporte mais rápido, esporte coletivo mais rápido do mundo, perde somente para o hóquei no gelo e tu tem que ter muita força física; não vou falar que uma pessoa magra, “mirradinha” não consiga jogar, mas tem que ter força. Ajuda muito você ser forte, ajuda você ser grande e hoje o feminino também, você encontra facilmente mulheres de um metro e noventa, muito fortes, que é o que o Brasil quer agora. O Brasil feminino tem uma geração 1994, 1995, 1996, de meninas muito grandes, com média de um e oitenta. As atletas são muito forte e a diferença se aplica mais nisso. Hoje o Brasil, por em quanto aqui dentro, o masculino é mais forte, é mais legal de ver o jogo; é mais forte, é mais, o jogo é mais comunicativo, se vê melhor as coisas, tática, é um jogo lindo de se ver, em minha opinião é um jogo lindo de se ver, em minha opinião eu acho o masculino.

S.A. – Em relação a incentivos existe alguma diferença em questões salariais?

D.J. – Do feminino para o masculino?

S.A. – É.

D.J. – Sim, existe com certeza o masculino. Eu acho que em média o feminino, as atletas *tops* no Brasil recebem entre dois a três mil reais, e o masculino recebe entre quatro e cinco mil reais. A diferença é bastante.

S.A. – E na tua opinião o que deve ser feito no Brasil para que o handebol fosse mais valorizado?

D.J. – O que eu acho que deveria ser feito... Eu concordo plenamente em levar atletas para fora e atletas jogarem na Europa, só que o problema é que sempre que uma atleta se destaca aqui no Brasil eles já querem levar ela para fora, o que torna o nível aqui dentro do Brasil fraco, porque se os nossos melhores atletas saírem sempre para fora aqui até evoluir, conseguir mais um atleta demora. Então eu acho que é fraco. É isso que eu acho que o Brasil deveria fazer, a Confederação², tentar trazer algumas atletas que jogam na Europa algum tempo. Lógico, tem a questão financeira, não dá nem para a gente discutir. Lá você ganha oito vezes mais do que as atletas ganham aqui no Brasil, mas tentar trazer aqui para o Brasil, fazer uma liga mais forte, uma liga mais competitiva. Os clubes hoje aqui no Brasil estão em desvantagem, tem dez ou doze equipes que participam da Liga Nacional e apenas duas ou três tem o nível altíssimo, com atletas *tops*. Então eu acho que é isso, tanto para o feminino, quanto para o masculino: tentar trazer, fazer mais núcleos com técnicos, os europeus fazem muito disso e tentar melhorar. E acho que tem que começar pela estrutura, pelos técnicos porque para mim a diferença, da Europa para nós, é que lá tem a formação muito mais forte do que aqui.

S.A. – Teria mais alguma coisa que tu gostarias de acrescentar, que não foi perguntado ou falar um pouco mais sobre alguma coisa.

D.J. – Olha, eu acho que basicamente você fez a maioria das perguntas. Bom, eu acho que não. É isso. É interessante vocês estarem fazendo essa pesquisa e tentar divulgar mais nas

faculdades porque a pesquisa ajuda isso; ajuda não só vocês, mas que ajude ao handebol também que, com certeza, nós falamos coisas interessantes que pouca gente sabia e começar levar o esporte, o atleta profissional a sério. Às vezes todo mundo penso que é um “oba-oba” ser jogador profissional, que você ganha para fazer uma coisa que você gosta, mas nós também trabalhamos muito, nós também sofremos, nós também temos briga como qualquer outro empregador tem, por isso que é considerado um esporte profissional hoje e eu gostaria que tivesse mais respeito com isso. De vez em quando eu falo que eu sou atleta e todo mundo acha que na verdade eu não faço nada, que a gente não faz nada. Não, pelo contrário, nós somos profissionais do mesmo jeito que vocês são.

S.A. – Sim, até quando eu entrei para o mestrado e eu fui procurar sobre handebol eu não achei nada, aí eu comecei a me perguntar: o handebol, principalmente o feminino, está tão em alta e onde está esse pessoal? Pouco aparece na mídia, assim, nas grandes emissoras. Então comecei pesquisar um pouco mais e eu vi que pouco se fala, pouco se comenta e não se dá visibilidade e, quando se dá visibilidade, se dá de uma forma às vezes não valorizando a atleta. A atleta enquanto profissional, enquanto uma pessoa que está trabalhando e a pauta é para outras questões que não o profissional dela.

D.J. – Exatamente, é bem isso que acontece mesmo. É muito normal, a gente tenta achar também, aqui no Brasil não se acha, mas lá na Europa é fora do comum, por isso que eu acho que o sonho de se jogar que eu acho que o sonho de se jogar na Europa se aplica a isso também, a valorização que o atleta tem na Europa. Importam-se com você, lá qualquer um é profissional, você tem um contrato muito bom, é tão valorizado quanto um jogador de futebol, por exemplo, a diferença é enorme para um jogador de futebol para nós aqui, enfim.

S.A. – Tu joga pela UCS, acontece de se machucar e ficar parada por um tempo, ela te dá todo o respaldo?

D.J. – Com certeza.

S.A. – Não digo só a UCS, as equipes em geral.

² Confederação Brasileira de Handebol.

D.J. – É normal. Acontece, como nós treinamos no limite do nosso corpo. Acontece muito, nós não somos de ferro. Apesar de treinar muito, suplementos, academia, a gente previne o máximo que pode, mas acontece. Ano passado, por exemplo, foi um ano péssimo para mim, em questões de lesões. Lesionei-me muito, eu fiquei muito tempo parada mas a UCS e as outras equipes dão estrutura total. No caso a Universidade, a UCS, nós temos o núcleo que chama IME (Instituto Médico Esportivo), que é dentro da faculdade mesmo, que é eles que nos atende, então, se acontece alguma coisa é só sair da quadra, ir no bloco deles que eles já nós atendem. Nós também temos o plano, nós temos o doutor Aloir Néri de Oliveira, que é o médico da Seleção Brasileira de Futsal Masculina, que é o nosso médico também, que é um dos maiores ortopedistas do Brasil. Ele que nos atende, eu já tenho uma cirurgia no ombro também feita por ele, justamente por desgaste. Infelizmente a gente não consegue driblar essa parte, não adianta, o atleta um dia vai se desgastar, é difícil você conseguir ficar cem por cento e daí a gente... A Universidade dá esse tempo, lógico que o atleta se recupera muito mais rápido do que uma pessoa normal; quando uma pessoa se machuca, se uma pessoa que faz uma cirurgia, tipicamente de ligamento no joelho, que é a que mais acontece, que é super comum no handebol, por mudanças rápidas de posição, isso aí é normal acontece, então, uma pessoa normal se fizesse uma cirurgia dessas voltaria em oito a dez meses; um atleta tem que voltar em seis meses, faz fisioterapia intensiva, tudo é super intensivo para nós, então.. É lógico que tem equipes que precisam do atleta e eles tentam voltar o atleta o mais rápido possível, só que tem algumas equipes que infelizmente não respeitam, e isso o atleta acaba voltando antes e infelizmente acaba se lesionando de novo e tu acaba perdendo o atleta por mais seis ou sete meses. É isso, mas a UCS sempre respeitou super bem, a gente sempre teve um médico bom, sempre a gente conseguia voltar no tempo certo e isso aí é tranquilo lá.

S.A. – Mais alguma coisa Dani?

D.J. – Bom, eu acho que é só.

S.A. – Agradeço em nome do Centro de Memória do Esporte.

D.J. – Eu que agradeço e boa sorte.

[FINAL DA ENTREVISTA]